



SEÇÃO ENTREVISTA

UM ESPAÇO PARA A PRODUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA: a graduação como lugar de reflexão e construção do pensamento sobre

ANA MARIA DI RENZO

Ao analista interessa a ordem do discurso “em que o sujeito se define pela sua relação com um sistema significante investido de sentidos, sua corporeidade, sua espessura material, sua historicidade”.

Eni Orlandi

Organizar uma revista nos coloca, obrigatoriamente, no liame que perpassa a tênue linha do compromisso teórico e da posição sujeito capaz de gestar a relação do teórico com o funcionamento da Instituição Escola na produção do conhecimento. Esta relação de comprometimento nos é assegurada pela Profa. Dra. Ana Maria Di Renzo, Pró-reitora de Ensino de Graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) que movimenta um gesto de leitura em direção à horizontalização e flexibilização das matrizes escolares e a implantação de um sistema de Gestão Escolar em uma universidade que se apresenta com diversos *campi* e instaura a marca da possibilidade do saber no extenso território mato-grossense.

Nossa entrevistada possui graduação em Letras pela Universidade Paranaense (1985), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2000), doutorado em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (2005) com o tema **A constituição do Estado brasileiro e a imposição do Português como Língua nacional**, sob orientação da Profa. Dra. Eni Orlandi e participação no doutorado sanduíche em Lyon-França na École Normale Supérieure Lettres & Sciences Humaines (2003). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Aquisição da Linguagem e na Análise de Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: língua-história-escola, argumentação-escrita- interpretação, estado-língua-república, escola, língua-texto-leitura - gramática. Possui experiência na organização político-pedagógica de instituições de ensino superior no que diz

respeito a organização curricular, avaliação institucional, autorização e reconhecimento de cursos, bem como credenciamento de IES.

Professora do Curso de Letras – *campus* de Cáceres e Diretora do Departamento de Letras desde 1989, a trajetória de Di Renzo se mescla com a história da UNEMAT em processos de significação e resignificação que constroem a Instituição na contemporaneidade.

Tânia Pitombo de Oliveira

1 - Em sua prática docente e de pesquisa, como avalia a importância da revista **Eventos Pedagógicos** no contexto acadêmico educacional?

Prezados alunos e professores do Curso de Letras e Pedagogia de Sinop.

Meus singelos agradecimentos pela oportunidade de partilhar com vocês as conquistas e também as angústias que constituem nosso percurso acadêmico rumo a produção do saber sobre a língua na Universidade do Estado de Mato Grosso.

Organizar um espaço de publicação na Universidade é fundamental como instrumentos de socialização e divulgação do conhecimento científico. Para mim este gesto tem inúmeras consequências positivas, dentre elas destaco:

- I- A maturidade acadêmica que conseguimos alcançar, pois o efeito leitor que constitui nossa relação com a escrita nos torna, no caso da publicação, muito mais exigentes tanto com a pesquisa que pelo lado do aluno se desenvolve quanto pelo lado docente com a nossa responsabilidade de orientação. Expor nossa pesquisa à leitura de outros interlocutores convoca-nos a esgotar ao máximo as possibilidades de reflexão que o objeto em investigação oferece. Em decorrência disso, amadurecemos nosso olhar investigativo uma vez que atentamos para o rigor da produção científica desde a graduação, responsabilizando-nos pelo o que oferecemos a ler. Outro fator ainda a ser destacado é a capacidade de intervenção social que os nossos cursos ganham na relação Universidade e Escola.
- II- A socialização das produções desenvolvidas no interior da Universidade, uma vez que sem um instrumento de divulgação, as nossas reflexões se restringem às bibliotecas dos nossos *campi*. Se quer partilhávamos entre nós mesmos, isto é, entre nossos *campi*. Nesse sentido, a comunidade Escolar, em especial, toma conhecimento do que produzimos no interior dos nossos cursos em relação ao ensino das línguas e suas literaturas, tão caros aos nossos dias. Ao tomar contato com a nossa produção, a comunidade externa, seja em nível de Estado ou do país,

pode tanto se beneficiar quanto demandar de nossos grupos de discussão, problemas de investigação que a ajude enfrentar as dificuldades no alcance de um melhor desempenho linguístico por parte dos alunos da Educação Básica. Logo, construir um espaço de publicação é um gesto fundamentalmente importante como retorno do investimento público em nossa formação.

2 - Em suas atividades na Pró-reitoria de graduação, quais propostas a professora gostaria de destacar?

A Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, diria, é a ‘caixa preta’ de uma instituição, pois tem como seu objeto o ensino, sua atividade primeira. Gostaria de destacar alguns aspectos:

I- A horizontalização de nossos cursos em pelo menos 80%. Em nossa Universidade, por exemplo, há 05 (cinco) cursos de Letras e cada um desenvolvia uma matriz curricular muito diferentes entre si. Com isso não tínhamos uma política de área estabelecida, isto é, em nome da área de linguagem tornava-se difícil responder: Qual(is) é(são) o(s) objetivo(s) dos nossos cursos de Letras? Em um tempo em que a CAPES lança um programa importantíssimo como o Programa de Iniciação à Docência (PIBID), nossos cursos tinham mais uma característica de bacharelado que de licenciatura. Outro fator é o prejuízo dos alunos num processo de transferência interna. Em virtude dos cursos serem muito engessados com a ideia de pré-requisitos, os alunos perdiam muito tempo para se graduarem no interior da mesma universidade. Com o processo de horizontalização, pudemos discutir uma política forte para a área de Letras na UNEMAT, ao mesmo tempo em que pudemos repensar o processo de formação de professores.

II- A flexibilização da matriz curricular. Em nossos dias não há mais espaço para cursos na forma de ‘grade’ curricular que pressupõe uma mesma formação para todos. É preciso trabalhar com a ideia de créditos para que os alunos possam eles próprios co-participarem do seu processo de formação. No processo de oferta de créditos, os alunos podem escolher uma gama de cursos que lhes auxiliam na formação enquanto professores de línguas e literaturas. Esta política viabiliza a mobilidade acadêmica tão cara aos nossos dias, pois nossa formação não pode se restringir apenas ‘às disciplinas da grade curricular’ e o seu aproveitamento de estudo ‘não pode ser questionado pelos professores’, uma vez que todo conhecimento adquirido pelo aluno tem sua importância.

III- Por fim, dentre tantas coisas, ressalto a implantação de um Sistema de Gestão Acadêmica, único para toda a UNEMAT. Nesse caso, o aluno terá direito garantido de acompanhar as avaliações recebidas dos seus professores em tempo real, pois era muito comum ter acesso a essa informação apenas no final do semestre. O sistema também produzirá o efeito de pertencimento a mesma instituição, fator que torna a universidade mais forte e interativa.

3 - Acordo Ortográfico Brasileiro (3º semestre) e o analfabetismo (4º semestre) como temáticas para as pesquisas desenvolvidas... (comentar):

Eu diria que o acordo ortográfico é importante enquanto política e ética linguística para os países de língua portuguesa. Este acordo tem seus efeitos muito mais econômicos que propriamente linguísticos. Importa, então, se perguntar sobre suas condições de produção e aos fins reais a que se destina. Não se deve esperar dele o fortalecimento de uma política linguística de pertencimento a uma mesma comunidade como condição de torná-la uma língua forte. A língua de um povo é marca de sua identidade e da sua forma-sujeito. Logo, a ideia de homogeneidade não cabe na sua literalidade. Penso que o acordo é uma política de disciplinarização de sentidos e de sujeitos que interessam muito mais a uma política socioeconômica que para fins de fortalecimento de uma língua de cultura universal.

Quanto ao analfabetismo, este sim, deve ser de nosso interesse profundo. Este tema nos leva a pensar sobre a história de nossa colonização linguística que se sustentou muito mais na ideia de catequização que de apropriação de uma forma escrita. Basta que retornemos sobre a política de instituição da língua nacional e a construção da tecnologia da gramatização no Brasil.

Refletir sobre o analfabetismo convoca-nos a pensar sobre as políticas linguísticas que desenvolvemos no interior de nossas escolas, ainda calçadas na ideia de leitura e escrita como exercícios para se apreender a estrutura da língua. Ou seja, o fato mesmo de estarmos inscritos numa epistemologia do funcionalismo, passamos a totalidade do nosso tempo escolar inculcando nos alunos um saber sobre a língua. Não há espaços para a produção da leitura e da escrita enquanto lugares de reflexão e construção do pensamento sobre. Nossos aparatos didáticos de ensino restringem-se a uma prática de escrita para responder às perguntas feitas sobre uma leitura de um texto qualquer. A escrita não se constitui, portanto, como espaço de reflexão para a formulação de um pensamento. Isto decorre, a meu ver e com base em vários estudos de Eni Orlandi, Claudia Pfeiffer, Mariza Vieira da Silva, Solange Gallo, Claudia

Lemos, etc., do fato de não trabalharmos com o conceito de texto enquanto unidade do trabalho com a língua.

É preciso que nossos cursos se ocupem desta problemática social uma vez que aproximadamente 11 anos na escola, nossos alunos são incapazes de ler e escrever, minimamente, um bilhete. Penso que os cursos de Letras devem oferecer aos futuros professores uma longa e profícua discussão e estudos sobre os aspectos que envolvem a relação sujeito e língua em suas várias faces. Não faz sentido ensinar ‘sobre’ a língua enquanto nossos alunos e muitas vezes nós mesmos não sabemos empregar a língua com consequências efetivas para os fins que nos propusemos.

Acredito muito na Mestrado Profissional em Língua Portuguesa que tanto o *campus* de Sinop quanto o de Cáceres estão oferecendo, pois para mim ele vai ser um lugar de encontro muito produtivo entre aqueles que estão na base da alfabetização e nós, professores e alunos dos cursos de Letras. Afinal, que política é esta que estamos propondo cujos resultados expõem seus sujeitos à margem da significação da própria língua?

Caros alunos e professores responsáveis pela Revista **Eventos Pedagógicos: Gestos de Leitura** meus cumprimentos especiais pela iniciativa de expor nossas produções para fora dos muros da Universidade. Espero ter contribuído com minhas poucas palavras, mas coloque-me a disposição para darmos continuidade a esta conversa em momentos posteriores. Sobretudo, diria aos alunos: ‘a graduação é apenas uma etapa da nossa formação. Junte-se a nós dando continuidade ao processo formativo de vocês fazendo mestrado e doutorando para ajudar nossos colegas que estão na base a fazer um trabalho menos estruturalista e mais reflexivo e interativo com a língua portuguesa’.

Muito Obrigada
Prof.^a Ana Maria Di Renzo